

A FORÇA DA ESCATOLOGIA: AS CRENÇAS MILENARISTAS NA HISTÓRIA, TEOLOGIA E NAS SOCIEDADES

Osiel Lourenço de Carvalho*

Resumo

O presente artigo vai discutir a presença das crenças milenaristas nas culturas teológicas de sociedades ocidentais e orientais. Veremos que na tradição protestante o milenarismo se divide em pré-milenarismo e pós-milenarismo. No primeiro, acredita-se que os mil anos de justiça e felicidade serão precedidos pela repentina vinda de Cristo. Já no segundo, o milênio é compreendido como o estado final do processo evolutivo, quando, enfim, a sociedade humana será plenamente justa e equânime. Partimos do pressuposto de que os anseios por “novos céus e nova terra” estão presentes em várias culturas.

Palavras-chave: escatologia; milenarismo; teologia; movimentos messiânicos.

Abstract

The present article will discuss the presence of millennial beliefs in the theological cultures of Western and Eastern societies. We will see that in the Protestant tradition millenarism is divided into pre-millennialism and postmillennialism. In the first, it is believed that the thousand years of righteousness and happiness will be preceded by the sudden coming of Christ. Already in the second, the millennium is understood as the final state of the evolutionary process, when, finally, human society will be fully fair and equitable. We begin with the assumption that the longings for "new heavens and new earth" are present in various cultures.

Keywords: eschatology; Millenarianism; theology; Messianic movements.

1 INTRODUÇÃO

As crenças milenaristas estão presentes tanto no Judaísmo como no cristianismo. Ao analisarmos os aspectos histórico-sociais e teológicos de determinados grupos milenaristas devemos associá-los ao messianismo que consiste na espera do retorno do messias que virá junto com o reino de justiça e felicidade eterna.

*Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Suas pesquisas se concentram nas áreas de história, teologia e pentecostalismos. Email: osiel_carvalho@yahoo.com.br

Mesmo assim, milenarismo e messianismo são elementos distintos. Na tradição cristã o milênio trará o messias e não, necessariamente o messias trará o reino; isso porque, ao contrário do judaísmo, o messias prometido – Jesus - já se manifestou.

Uma ideia constante no milenarismo diz respeito ao paraíso, o qual remete a um passado onde o espaço-tempo era perfeito. A ruptura com esse paraíso abriu caminho para períodos históricos onde a humanidade se autodestrói e os ecossistemas estão desregulados; entretanto, o futuro reserva o retorno ao paraíso onde a justiça, a ordem e a felicidade serão restauradas. Há uma reconciliação cósmica entre o passado perdido e o futuro prometido. Portanto, o reino milenial será implantado no mundo. A partir daí pode-se falar de uma sociologia da espera e se estabelece uma interrelação entre fatos religiosos e fatos sociais¹.

Quando falamos de milenarismo não nos referimos ao fim do mundo apenas. A doutrina milenarista se relaciona com o fim de um tipo de sociedade imperfeita e o começo de outra plenamente justa e perfeita. Entendemos por milenarismo como a crença no retorno do paraíso perdido; lugar esse onde a igualdade, a felicidade e a justiça original serão restauradas. Para os diversos grupos que adotam mentalidades milenaristas a vinda para essa “terra sem males” pode acontecer tanto por intervenção divina como por práticas de ação política.

2 ASPECTOS CULTURAIS

Na tradição protestante o milenarismo se divide em pré-milenarismo e pós-milenarismo². No primeiro, acredita-se que os mil anos de justiça e felicidade serão precedidos pela repentina vinda de Cristo. Entretanto, não há consenso, principalmente, entre os grupos evangélicos se os mil anos são literais ou simbólicos. Já para o pós-milenarismo, o Reino de Deus é estabelecido de maneira gradual na sociedade e é fruto do esforço humano e de práticas sociais voltadas para a correção de injustiças. Com efeito, no pós-milenarismo o milênio é compreendido como o estado final do processo evolutivo, quando, enfim, a sociedade humana será plenamente justa e equânime. Portanto, tanto o pré como o pós-milenarismo esperam por um futuro onde todas as contradições sociais não existirão mais. Uma das diferenças é de que para o pré-

¹ DESROCHE, Henri. Dicionário de messianismos e milenarismos. São Bernardo do Campo: UESP, 2000, p. 28.

² Ibidem, 2000, p..29.

milénarismo esse retorno ao paraíso se dará de maneira abrupta, sobrenatural e violenta, tendo em vista que a volta de Cristo representará o desdobramento final das profecias apocalípticas. Já para o pós-milénarismo a chegada do Reino de Deus se dará de maneira progressiva, mas não imune a conflitos, lutas revolucionárias e violência.

O quanto há de pessimismo e otimismo em cada uma dessas duas correntes? Os pré-milénaristas tendem a ser mais pessimistas em relação ao tempo presente? Caso a resposta para a pergunta seja positiva, essa postura faz com que os pré-milénaristas não se interessem pelas questões como a política, por exemplo?

Pedro Ribeiro de Oliveira³ emprega o termo “movimentos socioreligiosos de protesto social” a determinados grupos que se inspiram em crenças milénaristas para expressarem algum tipo de descontentamento popular. Para Roger Bastide⁴ o milénarismo está relacionado a práticas de resistência de grupos oprimidos e dominados os quais criam uma nova identidade social a fim de restaurar sua dignidade.

Portanto, milénarismo não deixa de ser um posicionamento político. Além disso, “há determinadas crenças que são posições políticas, mas não tem coragem de dizer seu nome”⁵. Sendo assim, acreditamos que crenças milénaristas podem se caracterizar como protesto e crítica popular, tendo em vista que há uma relação direta entre grupos subalternos e crenças milénaristas.

A literatura sobre milénarismo cristão e de maneira específica o protestantismo se baseia em textos do Antigo Testamento como esses do profeta Isaías a fim de fundamentar a espera messiânica e também o reino vindouro estabelecido por Deus. A Bíblia de Estudo Pentecostal⁶ tem uma nota a respeito desses textos na qual diz: “Esta profecia prediz o futuro reino de Deus na terra; o pecado e morte já não existirão”. Encontramos outros textos utilizados pelo milénarismo também no livro do profeta Daniel 2.44: “Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu levantará um reino que jamais será destruído”. O comentário da Bíblia de Estudo Pentecostal⁷ diz: “É certo que a presente ordem mundial não durará para sempre, mas o reino de Deus, sim durará para sempre”.

³ OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 241)

⁴ BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁵ ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012b, p.12.

⁶ BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1995, p.1071.

⁷ BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, p. 1945.

Outro texto muito usado pelo milenarismo de grupos protestantes é o de Apocalipse 20.6, o qual afirma: “Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição. Sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos”. Mais uma vez a Bíblia de Estudo Pentecostal⁸ diz: “Nesse reino haverá paz, segurança, prosperidade e justiça em toda a terra. A natureza será restaurada à sua condição original de ordem, perfeição e beleza”. Essa última parte do comentário da Bíblia de Estudo Pentecostal sobre a natureza evidencia ainda mais a ideia da volta ao paraíso perdido; é preciso ir para aquele lugar original onde não existem contradições sociais ou desequilíbrios naturais. Mais do que um dogma cristão ou pentecostal esse anseio pela volta ao paraíso faz parte da condição humana e, por isso, o milenarismo ultrapassa as fronteiras confessionais.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS

No período da Patrística o milenarismo também foi difundido no cristianismo. Irineu foi um dos chamados pais da Igreja quem mais propagou o milenarismo. Para Irineu, depois de um período de domínio do Anticristo, Jesus voltaria dos céus e inauguraria seu reino de justiça e paz. Ao descrever esse período Jean Delumeau diz que “o milenarismo não era apenas uma doutrina corretamente admitida nas comunidades cristãs do Oriente. Era também partilhada por cristãos do Ocidente”⁹. Depois de Irineu nomes como Tertuliano e Hipólito também ensinaram as doutrinas milenaristas.

Entretanto, de maneira gradual setores do cristianismo no período medieval propuseram uma leitura mais alegórica do milênio o que reduziu a expectativa imediata da volta de Cristo, ao passo que o milênio seria um período de tempo indeterminado que se iniciaria em Jesus e se estenderia ao longo da história da Igreja. Essa leitura escatológica se tornou hegemônica no cristianismo; todavia, a vertente anterior nunca deixou de despertar fascínio em autores e em grupos cristãos.

Agostinho, bispo em Hipona no século V, adotou uma interpretação alegórica do milênio, de modo que os mil anos indicariam a plenitude dos tempos. Mas isso não significa que Agostinho abandonou o milenarismo. Ele escreveu sobre a escatologia,

⁸ Ibidem, p. 2009.

⁹ DELUMEAU, Jean. Mil anos de felicidade: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.26.

acreditava num pré-determinado fim do mundo. Ao longo da história, grupos católicos e protestantes se alinharam ao tipo de milenarismo agostiniano.

No que diz respeito ao milenarismo no período medieval, Ernst Bloch em *Müntzer, Teólogo da Revolução* (1973) discute as proximidades entre movimentos messiânico-milenaristas e utopias. Bloch faz uma análise da revolta dos camponeses durante o período da Reforma; Müntzer foi um dos líderes das agitações que reivindicavam uma reforma não apenas religiosa, mas também social. Juntou-se aos camponeses um grupo de proletários das cidades e também mineiros que se sentiam explorados. Apesar de Müntzer não fazer referência direta ao milenarismo, Bloch parece ter visto proximidades entre a revolta dos camponeses e os anseios pelo paraíso perdido.

No tocante à guerra dos camponeses, à campanha contra as imagens e ao espiritualismo, é preciso considerar, ao lado dos elementos econômicos, o elemento originário essencial do conflito: o sonho mais antigo, a irrupção da história herética, o *êxtase do andar ereto* e a vontade rebelde, séria, impaciente, que anseia encontrar o paraíso. Inclinações, sonhos [...] alimentam-se de fontes que não são as da necessidade mais visível: mesmo assim elas não são pura ideologia; não desaparecem, dão colorido a amplas etapas do caminho, nascem de um ponto original da alma que produz valores, continuam a arder mesmo depois de catástrofes empíricas, mostrando a todas as épocas [que] o quiliasmo da guerra dos camponeses permanentemente presente¹⁰.

Sendo assim, milenarismos e utopias parecem estar circunscritos numa mesma dimensão psíquico-social de anseio pelo retorno ao paraíso perdido. Mas diante da demora e das muitas contingências que impedem a chegada desse paraíso é comum o sentimento de frustração; logo frustração e milenarismo-utopia estão relacionados? Os pentecostais que esperam um paraíso fora da história tenderiam a ter um sentimento de menos frustrações, tendo em vista que não esperam a redenção social e o retorno ao paraíso pela instrumentalidade de práticas políticas? Há elementos que confirmam esse questionamento.

Os principais teólogos protestantes como Lutero, Melâncton, Andreas Osiander, Pierre Viret, William Perkins e Calvino falaram a respeito de um iminente fim do mundo. Além disso, vários comentaristas católicos continuaram a escrever e ensinar doutrinas milenaristas. Com a transição do período medieval para o Renascimento e o início das

¹⁰ BLOCH, Ernst. Müntzer, Teólogo da Revolução. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p.215.

grandes navegações as doutrinas milenaristas chegaram a outras partes do mundo como a América Latina. O padre português Antônio Vieira foi autor de inúmeros sermões com temáticas escatológicas e milenaristas. Para Vieira o quinto reino profetizado em Daniel 2.44 estaria muito próximo, de modo que esse reino seria instaurado dentro do mundo. Lisboa seria o centro desse novo império, o papa e a Igreja seriam seus líderes. Não haveria mais guerra, de modo que a paz e a felicidade seriam plenas no mundo.

4 MENTALIDADES MILENARISTAS

Nesse artigo, analisamos cinco mentalidades milenaristas: mentalidade milenarista de crítica social; mentalidade milenarista como ideia de progresso; mentalidade milenarista de descontentamento popular; mentalidade milenarista de incerteza; e mentalidade milenarista relacionada com o receio de perda de valores identitários. Essas mentalidades são flutuantes, não fixas, de modo que o grupo sociorreligioso pode apresentar mais de uma em determinado momento histórico.

A mentalidade milenarista de crítica social é adotada por indivíduos e grupos sociorreligiosos que fazem uma crítica direta a sociedades e aos sistemas opressivos. Em geral, esse grupo tem caráter revolucionário com recusa total ou parcial do mundo presente. Anseiam que a sociedade seja remodelada com novos valores para o cotidiano; querem uma sociedade alternativa com maneiras novas de organizar o universo simbólico¹¹. Um exemplo dessa mentalidade milenarista foi a revolução camponesa liderada por Thomas Müntzer no período da Reforma Protestante. Ernst Bloch¹² (1973) escreveu que Müntzer prefigurou a revolução socialista que viria nos séculos posteriores. Bloch escreveu sobre Thomas Münzer em 1920 com o objetivo de discutir as relações entre religião e marxismo bem como a temática da luta de classes na Alemanha.

Em sua análise Bloch relaciona teologia e materialismo histórico. Com efeito, a revolução que ele analisa é econômico-política e metafísico-religiosa. O aspecto místico e apocalíptico que Bloch resgata era importante “a fim de corrigir a unilateralidade da

¹¹ CAMPOS, Leonildo Silveira. In: BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores Campos. Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Massangana, 2005.

¹² BLOCH, Ernst. *Müntzer, Teólogo da Revolução*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

perspectiva revolucionária do marxismo-leninismo, a fim de valorizar, em nível de uma filosofia social, o momento teológico e revolucionário”¹³.

Bloch fez muitas citações de trechos bíblicos que denunciavam a opressão dos pobres pelos ricos e, provavelmente, esse foi um dos motivos pelos quais seu texto foi rejeitado por parte da burguesia alemã. Além disso, Bloch era, por questões óbvias, alinhado a Münzer contra Lutero. Desse modo, Bloch viu na revolta dos camponeses do século XVI a chave para compreender luta de classes¹⁴.

Bloch pesquisou as crenças do fim dos tempos tanto no Antigo Testamento como em espiritualidades cabalísticas. Para ele, os sonhos individuais e coletivos bem como os anseios pelo fim das injustiças são impulsionados por energias subjetivas e impulsionadoras das revoluções. Ao falar dos movimentos com características místico-milenaristas da Idade Média ele diz: “Assim, se levantou – desde os irmãos Tal, desde os leigos místicos, desde Eckart, desde Münzer e os espiritualistas – a alma em si mesma, a liberdade como novo e derradeiro valor”¹⁵.

Como profeta e teólogo Thomas Münzer também assume características messiânicas a fim de liderar a revolução que é ao mesmo tempo social e espiritual e é influenciada pelas utopias de igualitarismo do cristianismo antigo e pelas profecias sobre o fim dos tempos. “Assim também a arca de Thomas Münzer não buscou nada mais nada menos que os elementos incondicionais de Cristo e do Apocalipse. A obstinação misturou-se curiosamente com vontade do cristianismo primitivo”¹⁶.

Bloch compara a guerra dos camponeses aos movimentos operários dos séculos XIX e XX, de modo que levanta a hipótese de que o socialismo é herdeiro, em sua dimensão revolucionária, das guerras camponesas de matriz milenarista e apocalíptica. Entretanto, essa herança não é apenas histórica e sociológica, mas ela se origina nos anseios de indivíduos e grupos populares por justiça e equidade. Quando ainda escrevia seu texto em 1920, Bloch disse que “no espírito inflamado da Rússia, até que o catolicismo apocalíptico finalmente constrói o caminho do velho mundo até o derradeiro

¹³ MÜNSTER, Arno. Utopia, messianismo e apocalipse nas primeiras obras de Ernest Bloch. São Paulo: UNESP, 1982, p. 187.

¹⁴ MÜNSTER, 1982.

¹⁵ BLOCH, Ernst. Muntzer, Teólogo da Revolução. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p.76.

¹⁶ Ibidem, 1973, p. 71.

mito, até a absoluta transformação”¹⁷. Com tais palavras demonstrou sua esperança de que a revolução russa chegasse também à Alemanha.

Além de Ernst Bloch, outros teóricos relacionaram utopias políticas com crenças milenaristas. Delumeau se refere, por exemplo, ao publicista francês Étienne Cabet, que participou do movimento político do proletariado dos anos 1830-1840 e foi um dos representantes do comunismo utópico. Étienne Cabet em seu romance *Voyage en Icarie* (Viagem à Icária) descreve alguns princípios da organização social que deveria ser estabelecida.

Não haverá pobres, nem ricos, nem domésticos; não mais exploradores nem explorados; não mais angústias nem aflições; não mais ciúme nem ódios; não mais cupidez nem ambição; não mais, ou quase não mais, ociosos, nem preguiçosos, nem bêbados, nem ladrões¹⁸.

Até mesmo em textos de Michel Bakunin podemos encontrar “resquícius” de crenças milenaristas quando ele diz que “alta e bela se erguerá em Moscou a constelação da revolução acima de um mar de sangue e de fogo, e ela se tornará a estrela que guiará para a felicidade toda a humanidade liberada”¹⁹.

Slavoj Zizek, destacado filósofo e psicanalista esloveno, usa a narrativa escatológica dos quatro cavaleiros do apocalipse²⁰ para fazer sua crítica ao capitalismo que segundo ele conduz o mundo ao Armagedon econômico.

O sistema capitalista global aproxima-se de um ponto zero apocalíptico. Seus quatro cavaleiros do Apocalipse são a crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios do próprio sistema (problemas da propriedade intelectual, a luta vindoura por matéria-prima, comida e água) e o crescimento explosivo de divisões e exclusões sociais²¹.

A mentalidade milenarista como ideia de progresso incide nos projetos econômicos e sociais que supostamente conduzirão a humanidade à felicidade terrestre coletiva. Ao longo do século XVIII a vinculação entre progresso e felicidade foi um pensamento

¹⁷ Ibidem, p. 110.

¹⁸ DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.319.

¹⁹ BAKUNIN, Michel A. *Textos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 104.

²⁰ O texto de Apocalipse 6 fala de quatro cavaleiros: branco, vermelho, preto e amarelo. Eles surgem na terra e são incumbidos de causar destruição.

²¹ ZIZEK, 2012b, p. 180.

recorrente. Há uma visão otimista quanto ao futuro. Na Grã-Bretanha, Joseph Mede²² foi um dos primeiros a relacionar o milênio com a idade de ouro que viria com o progresso. Ele fez uma interpretação científica do apocalipse²³, pois defendia que os cataclismas e destruições das narrativas apocalípticas não deveriam ser interpretados de maneira literal. Em sua visão otimista do futuro também questionava a ideia de um pecado original, pois a humanidade caminhava para um estado de perfeição e felicidade. Sendo assim, Mede foi um dos primeiros a lançar as bases do pós-milenarismo na modernidade.

Joseph Priestley²⁴ viu na Revolução Francesa uma espécie de cataclisma, de tremor que antecedia a chegada do milênio quando diz que “assim, qualquer que tenha sido o começo deste mundo, o fim será glorioso e paradisíaco, ultrapassando tudo o que nossas imaginações podem agora conceber”²⁵. Os teóricos milenaristas imaginavam que o progresso levaria a um estágio final da plena felicidade humana; quando isso ocorresse a história se deteria e a humanidade não mais evoluiria.

A *mentalidade milenarista de descontentamento popular* está presente em grupos de resistência, que almejam criar uma nova identidade social. A dimensão religiosa é em maior grau, de modo que o grupo não se considera revolucionário ou não dispõe dos meios necessários para fazer a revolução. Enquanto grupos explorados e oprimidos anseiam por justiça, quase sempre se congregam ao lado de líderes carismáticos ou profetas. Em geral, esperam que os sistemas que perpetuam a opressão sejam destruídos pelo elemento sobrenatural. A intervenção divina e não os processos revolucionários ou progresso garantirá a instauração da idade de ouro.

A *mentalidade milenarista de incerteza* é assumida por pessoas e grupos em momentos de cataclismas, guerras, doenças, entre outros eventos destrutivos. No sermão profético de Jesus em Mateus 24.6²⁶ quando fala que “Ouvireis de guerras e rumores de guerras” é assumido pelos grupos de mentalidade milenarista de incerteza como prelúdio do fim do mundo. Entretanto, esse tipo de mentalidade não estaria fundamentado em certas racionalidades, no sentido de que o mundo como funciona hoje estaria a caminho do caos? Os discursos de grupos como o Greenpeace, que alertam para uma possível

²² Mede nasceu em 1586. Era egíptólogo e hebraísta. Foi autor do livro *Chave do Apocalipse*.

²³ DELUMEAU, 1997.

²⁴ Joseph Priestley nasceu em 1733. Foi teólogo, filósofo naturalista e político britânico.

²⁵ PRIESTLEY *apud* DELUMEAU, 1997, p. 280.

²⁶ BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1995.

destruição do planeta caso a natureza continue sendo agredida, não é também uma mentalidade milenarista de incerteza?

A mentalidade milenarista como receio da perda de valores identitários está presente em grupos que promovem uma contracultura. Podemos indentificá-la em grupos conservadores. Um exemplo disso foi o que ocorreu a partir da década de 60 nos Estados Unidos. As mudanças sociais ocorridas nessa década, relacionadas com a revolução sexual, foram interpretadas com um claro sinal da decadência da civilização humana e, por conseguinte, da volta de Cristo a Terra. Essas mudanças sociais fizeram com que várias igrejas se unissem aos movimentos conservadores, pois segundo eles era preciso salvar a sociedade norte-americana da ruína.

Os evangélicos conservadores norte-americanos não aceitavam a decisão da Suprema Corte americana de excluir o culto obrigatório das escolas públicas. Entretanto, para os juízes que tomaram essa decisão o Estado era laico, de modo que patrocinar o culto de determinada crença religiosa seria inconstitucional. Em 1963 a Suprema Corte americana também excluiu a obrigatoriedade da leitura bíblica das escolas. Mais uma vez os conservadores identificaram que estruturas diabólicas estariam por trás de políticas secularistas e resolveram contra-atacar.

Há certo padrão nos grupos sociorreligiosos no que diz respeito às crenças escatológicas. Descreveremos as características do milenarismo assembleiano brasileiro a partir das categorias de Norman Cohn²⁷ as quais são: coletiva, terrena, iminente, total e miraculosa. *Coletiva*. No sentido de que o novo mundo, o paraíso terrestre será destinado às pessoas que juntas usufruirão das benesses da igualdade, justiça e paz. Esse é um traço comum dos movimentos milenaristas, a ideia de comunitarismo, onde aqueles que sofreram ou foram oprimidos terão sua dignidade restaurada dentro de uma comunidade. A mensagem a todas as igrejas (Ap 3.21,22)²⁸ indica que os crentes provenientes da Era da Igreja que permanecem fiéis, sendo vencedores. Além dos vencedores provenientes da Era da Igreja, João viu almas, ou seja, pessoas que teriam sido martirizadas. Esses dois grupos ficaram juntos e reinarão com Cristo durante os mil anos. Será um período de paz e bênçãos, durante o qual prevalecerá a justiça²⁹ *Terrena*. No sentido de que o período de plena paz e justiça será vivido dentro do mundo e não no céu. A doutrina

²⁷ COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças do apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 11)

²⁸ BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995.

²⁹ HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997, p. 639.

escatológica das ADs diz isso. É no paraíso terrestre que os crentes viverão. A Nova Jerusalém descerá do céu e será implantada neste mundo. Mais uma vez vemos aqui uma fala mítica e dialética da destruição e recriação. Essa cidade, o lar eterno dos redimidos e a habitação de Deus, é a Nova Jerusalém que João viu, numa visão descendo do céu para a nova terra. A morada e o trono de Deus estarão com o seu povo na terra (Ap 22.3)³⁰. Isso significa que sempre haverá uma terra, embora a atual venha a ser substituída por uma nova³¹. *Iminente*. Assim como faziam no cristianismo primitivo as comunidades de crentes esperam que a chegada do paraíso terrestre chegue em breve; parece haver certa urgência em determinados momentos. Em situações de cataclismas, de mortes em massa, de guerras e outros desastres, emerge do subsolo um imaginário de grupos sociorreligiosos milenaristas a ideia de que o fim de um tipo de mundo está ainda mais próximo. *Total*. Tudo será restaurado a um estado de plena perfeição. Os ecossistemas e toda a ordem cósmica estarão em ordem. O alvo e expectativa finais da fé do NT é um novo mundo, transformado e redimindo, onde Cristo permanece com seu povo e a justiça reina em santa perfeição. Para apagar todos os sinais do pecado, haverá a destruição da terra, das estrelas e galáxias. O céu e a terra serão abalados. A terra renovada se tornará a habitação dos homens e de Deus³². *Miraculosa*. Essa implantação do paraíso terrestre se dará por intermédio de uma força sobrenatural, pois “o Reino milenar não virá através de esforços humanos”³³. Portanto, desde o início, o milenarismo assembleiano brasileiro não leva em consideração os processos revolucionários para a efetivação do paraíso terrestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crenças milenaristas sempre estiveram presentes nas teologias e na história das sociedades, sejam elas no ocidente ou no oriente. Nas cosmologias antigas dos Guaranis há lendas relacionadas com a criação e a destruição do mundo; logo, esses povos ameríndios elaboraram suas próprias doutrinas escatológicas. Entre os Apopocúva-Guarani, essas narrativas são conhecidas através de profecias, sonhos e outras especulações escatológicas. As narrativas religiosas destes grupos milenaristas sobre o dilúvio, por exemplo, estão relacionadas com a destruição e a recriação de um mundo.

³⁰ BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995.

³¹ HORTON, 1997, p. 644.

³² BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p. 2010.

³³ HORTON, 1997, p. 627.

Nessa dialética, as cataclismologias marcam a transição de uma era de sofrimento e corrupção para uma era de ouro que será instaurada. Esses povos originários que viviam na costa brasileira também esperavam uma terra sem mal; um retorno ao paraíso.

No pentecostalismo brasileiro a sistematização dessas crenças é uma herança, sobretudo de tradições teológicas europeias e estadunidenses. Encontramos discursos escatológicos no hinário, na mídia impressa e eletrônica, nas pregações dos pastores e dos inúmeros livros publicados.

REFERENCIAS

BAKUNIN, Michel A. **Textos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1995.

BLOCH, Ernst. **Müntzer, Teólogo da Revolução**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

CAMPOS, Leonildo Silveira. In: BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. Recife: Massangana, 2005.

CARVALHO, Osiel. **Teologia Histórica**. Pindamonhangaba: IBAD, 2013.

COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças do apocalipse**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo: UESP, 2000.

HORTON, Stanley. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

MÜNSTER, Arno. **Utopia, messianismo e apocalipse nas primeiras obras de Ernest Bloch**. São Paulo: UNESP, 1982.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ZIZEK, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012b.